

v.33 n.2
Jul-Dez/2023

Feminismo decolonial em debate:
perspectivas latino-americanas em
políticas públicas e direitos humanos

ISSN 1414-9184
eISSN 1984-669X

Praia Vermelha



Estudos de Política e Teoria Social

Praia Vermelha

ISSN 1414-9184
eISSN 1984-669X

PERIÓDICO CIENTÍFICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

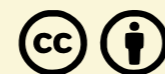
Feminismo decolonial em debate: perspectivas latino-americanas em políticas públicas e direitos humanos

v.33 n.2

Jul-Dez/2023

A Revista Praia Vermelha é uma publicação semestral do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro cujo objetivo é servir como espaço de diálogo entre centros de pesquisa em serviço social e áreas afins, colocando em debate, sobretudo, os temas relativos às políticas sociais, políticas públicas e serviço social.

Conheça nossas [políticas editoriais](#).



Praia Vermelha

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

REITOR

Roberto de Andrade Medronho

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

João Torres de Mello Neto

ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

DIRETORA

Ana Izabel Moura de Carvalho

VICE-DIRETOR

Guilherme Silva de Almeida

DIRETORA ADJUNTA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Fátima da Silva Grave Ortiz

REVISTA PRAIA VERMELHA

EDITORA-CHEFE

Andrea Moraes Alves UFRJ

EDITORA ASSOCIADA

Patrícia Silveira de Farias UFRJ

EDITORAS AD HOC v.33 n.2

Líliá Guimarães Pougy UFRJ

Ludmila Fontenele Cavalcanti UFRJ

EDITOR TÉCNICO

Fábio Marinho

REVISÃO

Maria Helena Torres

Nicole Leal

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Fábio Marinho

CONSELHO EDITORIAL

Angela Santana do Amaral UFPE

Antônio Carlos Mazzeo USP

Arthur Trindade Maranhão Costa UNB

Christina Vital da Cunha UFF

Clarice Ehlers Peixoto UERJ

Elenise Faria Scherer UFAM

Ivanete Boschetti UFRJ

Jean François Yves Deluchey UFPA

Leonilde Servolo de Medeiros UFRRJ

Marcos César Alvarez USP

Maria Cristina Soares Paniago UFAL

Maria Helena Rauta Ramos UFRJ

Maria das Dores Campos Machado UFRJ

Maria de Fátima Cabral Gomes UFRJ

Myriam Moraes Lins de Barros UFRJ

Ranieri Carli de Oliveira UFF

Rodrigo Castelo Branco Santos UNIRIO

Rodrigo Guiringuelli de Azevedo PUCRS

Salviana de Maria Pastor Santos Sousa UFMA

Suely Ferreira Deslandes FIOCRUZ

Publicação indexada em:

Latindex

Portal de Periódicos da Capes

IBICT

Base Minerva UFRJ

Portal de Revistas da UFRJ

Escola de Serviço Social - UFRJ

Av. Pasteur, 250/fundos

CEP 22.290-240

Rio de Janeiro - RJ





Praia Vermelha: estudos de política e teoria social /Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – Vol.1, n.1 (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ. Escola de Serviço Social. Coordenação de Pós-Graduação, 1997-


Semestral
ISSN 1414-9184
eISSN 1984-669X

1.Serviço Social-Periódicos. 2.Teoria Social-Periódicos. 3. Política- Periódicos I. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social.

CDD 360.5
CDU 36 (05)

 Para uma melhor experiência de leitura, recomendamos o acesso por computador com visualização em tela cheia (CTRL+L).

 Navegue pelo texto utilizando os ícones na lateral esquerda das páginas ou as setas em seu teclado.

 Clique [aqui](#) para baixar, instalar e utilizar gratuitamente o Adobe Reader.



Janine Moraes / Ministério da Cultura (via Wikimedia Commons)

Marcha das Mulheres Negras

APLICAÇÃO EM CAPA MODIFICADA COM A FERRAMENTA ADOBE FIREFLY IMAGE 2

Sumário

- DOSSIÊ EDITORIAL 183** Feminismo decolonial em debate: perspectivas latino-americanas em políticas públicas e direitos humanos
Lilia Guimarães Pougy & Ludmila Fontenele Cavalcanti
- DOSSIÊ ENSAIOS 186** Perspectivas feministas decoloniais em algumas autoras: e o caso Brasis? Que políticas?
Mary Garcia Garcia Castro & Tatiana de Paula Soares
- 210** Fora da ordem: deslocamentos de insurgências feministas decoloniais
Tatiana Dahmer Pereira
- 230** Corpo-território, os comuns e as mulheres quilombolas
Maria Raimunda Penha Soares
- DOSSIÊ ARTIGOS 256** O racismo e seus reflexos na saúde das docentes negras da UFRJ
Rosimar Borges
- 276** Trabalho feminino na formação social brasileira: aportes da Teoria da Reprodução Social
Tahiana Meneses Alves
- 301** O feminismo decolonial e a interseccionalidade nas políticas públicas LGBTI+no Brasil (1998-2021)
Henrique Rabello de Carvalho & Maria Celeste Simões Marques
- 324** Uma crítica à reprodução da colonialidade cisgênera no feminismo decolonial
Bruno Latini Pfeil & Cello Latini Pfeil
- 349** Políticas para mulheres: a luta por igualdade, direitos e enfrentamentos às violências
Silvana Maria Escorsim & Beatriz Santana da Silva
- 375** Entre a política e a política pública antirracista no Brasil: qual é a política da política pública brasileira?
Luiza da Costa de Deus
- 396** A urbanização capitalista brasileira e o déficit habitacional: breve análise sobre a segregação espacial a partir de gênero e raça
Joyce Kelly de Jesus Santos, André Henrique Mello Correa & Josefa de Lisboa Santos
- 420** Descaso ou ferida colonial? Gênero nas políticas públicas educacionais no Brasil
Susane Petinelli Souza
- 445** “Se o caminho é meu, deixa eu caminhar”: mulheres negras e identidades
Laurita de Queiroz Bomdespacho



Para acessar os demais textos deste número clique aqui e veja o sumário online.

DOSSIÊ RELATOS DE EXPERIÊNCIA

- 458** Metodologia de Atendimento Interdisciplinar do Centro de Referência para Mulheres Suely Souza de Almeida (NEPP-DH/UFRJ)
Bárbara Zilli Haanwinckel et alia
- 476** Protagonismo feminino no PET de Humanidades e Letras da Unilab/Ceará (2013-2020)
Ana Cássia Alves Cunha et alia
- 500** As Ocupações do Movimento Olga: experiência popular de enfrentamento à violência patriarcal
Olivia Alves da Fonseca Aguera Nunes, Barbara Brame & Larissa Franco

Praia Vermelha

PERIÓDICO CIENTÍFICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Protagonismo feminino no PET de Humanidades e Letras da Unilab/Ceará (2013-2020)

Protagonismo feminino
Programa de Educação Tutorial
Educação

Este artigo analisa o processo de autorreconhecimento do protagonismo feminino e da inserção profissional de bolsistas do PETHL/Unilab, no interstício de 2013 a 2019. A pesquisa participante, de natureza quanti-qualitativa, revisitou a literatura e analisou documentos. Como instrumento de coleta de dados aplicou 18 questionários com tutoras, bolsistas, ativas e egressas. Concluímos que este tem contribuído com o autorreconhecimento, o protagonismo de mulheres negras e profissionalização, bem como tem se mostrado como um lugar seguro onde podemos nos reinventar e romper paradigmas.

Female protagonism in the PET de Humanidades e Letras of Unilab/Ceará (2013-2020)

This article analyses the process of self-recognition of female protagonism and the professional integration of PETHL/Unilab scholarship holders between 2013 and 2019. The quantitative and qualitative participatory research revisited the literature and analysed documents. It used 18 questionnaires to collect data from tutors, scholarship holders, active students and graduates. We conclude that it has contributed to self-recognition, the role of black women and professionalisation, as well as proving to be a safe place where we can reinvent ourselves and break paradigms.

Female protagonism
Tutorial Education Programme
Education





Introdução

O presente artigo é fruto de pesquisa concluída pelas mulheres, tutoras e bolsistas do Programa de Educação Tutorial em Humanidades e Letras - PETHL da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab. Nós desatinamos a olhar para nossa realidade e desatamos nós.

A história da escolarização das mulheres no Brasil revela disparidades, pois nos foi negado o direito de frequentar escolas por mais de 200 anos. Após muita luta, persistência e resistência, as mulheres conquistaram o direito de ingressar na educação básica e superior, disputar bolsas de pesquisa, ensino e extensão, como o Programa de Educação Tutorial - PET.

A temática emergiu a partir da atuação das mulheres bolsistas na condução das atividades internas e externas e se justifica por ser importante para compreendermos os percursos destas mulheres na vida pessoal, acadêmica e profissional, bem como registrarmos a história do programa na Universidade. Partimos, então, da questão que nos orienta: *De que modo a experiência como bolsista do PETHL/Unilab tem contribuído e contribuiu com o autorreconhecimento do protagonismo feminino no programa, na Unilab e na inserção profissional?*

Dentre os objetivos deste estudo destacam-se analisar a experiência da bolsista do PETHL/Unilab, no tocante ao processo de *autorreconhecimento* do seu/nosso protagonismo feminino no programa, na universidade e na *inserção profissional*, no interstício de 2013 a 2019.

Quanto à metodologia, optamos pela pesquisa participante, pois algumas das informantes também são sujeitos do processo. Esta metodologia teve suas bases em Malinowski, que, segundo Brandão (1983 *apud* MATOS; VIEIRA, 2002, p. 46), “[...] quando conviveu com nativos das ilhas Trobriand e ao invés de mandar mensageiros com questionários e roteiros de observação, buscou captar o cotidiano e perguntar pessoalmente o que queria”.

Como instrumentos de coleta de dados aplicamos questionário *virtual*, via *Google Forms*, com questões abertas e fechadas, com 18 mulheres, sendo 02 (duas) tutoras (ativa e egressa) e 09 bolsistas ativas e 07 egressas. A coleta de dados versava sobre a experiência das mulheres no PETHL e na universidade,

Triste, Louca Ou Má
Francisco, El Hombre
SPOTIFY | DEEZER | YOUTUBE

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal

A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define

Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só

Eu não me vejo na palavra
Fêmea: alvo de caça
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só



bem como a continuidade nos estudos como seleções de pós-graduação e atuação das egressas. Ao longo da trajetória do PET da Unilab contabilizamos 10 petianas egressas, incluindo a ex-tutora, enquanto havia 07 petianos egressos. Para preservar a identidade das petianas que participaram dessa pesquisa, usamos codinomes de personalidades femininas.

Realizamos também pesquisa bibliográfica e documental. A primeira em torno das categorias de análises: *feminismo*, *feminismo negro*, *feminismo decolonial* e *mulher*, dialogando com as seguintes autoras: Angela Davis, Bell Hooks, Conceição Evaristo, Chimamanda Adichie e Marcia Tiburi. Na pesquisa documental, revisitamos documentos do PET no Brasil e do PETHL, mediante análise de editais, atas de reunião, resultados de seleções, relatórios, registros sobre as participações femininas nesse grupo desde sua criação em 2013 até 2019. Revisamos, ainda, documentos da Unilab e das Instituições de Ensino Superior - IES brasileiras como ingresso e conclusão de curso, presença feminina, feminismo negro, iniciação científica, entre outros.

O artigo está estruturado para apresentar o programa e o perfil das mulheres tutoras e bolsistas, ativas e egressas. Em seguida, revisitamos a literatura, sistematizando os conceitos basilares para análise do protagonismo feminino e da inserção profissional das mulheres bolsistas egressas.

O protagonismo feminino da ideia PETHL à consolidação do programa na Unilab

A formação de jovens pesquisadoras é um desafio histórico e cotidiano. A luta pelo direito, acesso, permanência e formação de mulheres na educação básica e superior continua ao mesmo tempo em que amplia as pautas e searas de reivindicação. O protagonismo feminino emerge como uma possibilidade de fortalecer a luta e prover aquilo que é direito humano.

Nesta perspectiva, é fundante a formação do espírito crítico e no caso deste estudo em tela, este tem sido forjado no PETHL e na Unilab. A Unilab foi criada pela Lei n.º 12.289, de 20 de julho de 2010 (BRASIL, 2010), fruto de um projeto de expansão e interiorização do ensino superior. Tem característica muito singular por ser uma universidade de integração internacional entre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)



e, também, o Timor Leste. Além de ser internacional, a Unilab também é interestadual, pois conta com *campus* na cidade Redenção, no Ceará, e no município de São Francisco do Conde, no estado da Bahia (*Campus dos Malês*).

Com proposta inovadora e única, a universidade promove o encontro da nacionalidade brasileira com sua própria história, sendo composta por estudantes indígenas, quilombolas, interioranos e periféricos. Tem se constituído como um centro de pesquisa de formação para brasileiros e estudantes dos países que falam a língua portuguesa, gerando assim câmbio entre culturas e saberes, cooperação sul-sul com responsabilidade científica, cultural, social e ambiental, numa perspectiva de cooperação solidária e de integração internacional.

É neste contexto que em 2013 foi criado por uma professora o Programa de Educação Tutorial de Humanidades e Letras, com a premissa: “PET respeito à diversidade cultural: o papel da lógica e da retórica na constituição do eu cidadão” (UNILAB/PETHL, 2022).

Assim como a Unilab, o PETHL também trabalha com a perspectiva da interdisciplinaridade, da diversidade cultural e da integração Sul-Sul, sendo formado por uma tutora e doze bolsistas. Atendendo ao disposto no Manual Básico de Orientação do PET (BRASIL, 2002), o objetivo do programa é propiciar aos alunos(as), sob a orientação de um(a) professor(a) tutor(a), condições para a realização de atividades extracurriculares, através da tríade pesquisa-ensino-extensão, atender às necessidades do curso de graduação, da comunidade em torno das IES e da formação humana dos bolsistas. Em outras palavras, os PETs possuem compromissos epistemológicos, pedagógicos, éticos e sociais.

A criação do programa é datada de 1979 como Programa Especial de Treinamento, com o objetivo de melhorar o ensino de graduação e a qualidade dos cursos de pós-graduação, visando suprir as necessidades do país, nas diversas áreas do conhecimento científico e tecnológico (MARTIN, 2005). Em 2004 o programa deixa de ter uma perspectiva de “treinamento especial” e troca sua nomenclatura para Programa de Educação Tutorial, sendo regulamentado pela Lei n.º 11.180/2005 e mudando também sua perspectiva para “Educação tutorial” (BRASIL, 2005).

Com a substituição da Portaria n.º 3385/2005 pela 976/2010, foram criados grupos interdisciplinares e a vinculação ao programa





Conexão de Saberes, com o objetivo de desenvolver ações que ampliam a troca de saberes entre as comunidades populares e a universidade, contribuindo para a inclusão social de jovens oriundos das comunidades do campo, quilombola, indígena e em situação de vulnerabilidade social. Tais mudanças apontam para a abordagem de temáticas emergentes, bem como fomentou a substituição dos conceitos meritocráticos e elitistas que o compunham em sua fundação, dando espaço para as diversidades, tornando o programa e suas ações mais democráticas e, conseqüentemente, mais igualitárias para a participação de grupos historicamente oprimidos, como é o caso das mulheres.

Atendendo ao objetivo de fortalecer as práticas interdisciplinares, bem como as diretrizes da Unilab, envolvendo discentes, docentes e comunidade, o PETHL também se alicerça no projeto político-pedagógico da instituição, que busca:

[...] por meio de ensino, pesquisa e extensão de alto nível e em diálogo com uma perspectiva intercultural, interdisciplinar e crítica, a formação técnica, científica e cultural de cidadãos aptos a contribuir para a integração entre Brasil e membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e outros países africanos visando ao desenvolvimento econômico e social (UNILAB, 2010, p. 13).

Na consecução de tais diretrizes, o Art. 02 do Estatuto do PETHL tem estímulo ao espírito crítico e à atuação profissional por meio da função social do ensino superior, através das atividades de extensão, pesquisa e ensino. Nesta perspectiva observamos que tão importante quanto a criação do programa por uma mulher, importa ainda destacar a atuação das mulheres na consolidação do mesmo na Unilab e na relação com os demais PETs, comunidade e o aprender fazendo pesquisa no programa.

Quanto à atuação feminina na Unilab e no projeto, desvelamos, a partir dos dados disponíveis no site da Unilab, em números/painel de pesquisa, que no movimento de matrícula de discentes no período de 2011 a 2019, nota-se que as mulheres representam 6.246 e homens 6.149. Ao analisar a presença feminina na matrícula total por nacionalidade, somente no Brasil o número de ingressantes femininas é superior à masculina, demonstrando que existem questões a serem analisadas em outros estudos no que tange ao ingresso ao ensino superior de estudantes africanas e timorenses.





Ao revisar os processos seletivos desde a fundação do programa na Unilab percebemos que, desde 2015, as mulheres são maioria nos processos seletivos e, conseqüentemente, aprovadas. Tal cenário coaduna com a análise da série histórica dos dados, em que observamos que 52,65% das bolsas (vigentes e encerradas, totalizando 938 bolsistas e 308 voluntários) no Ceará são ocupadas por mulheres (UNILAB, 2020). No que diz respeito ao recorte de gênero, não podemos negar que o acesso das mulheres ao ensino superior está intrinsecamente relacionado às lutas dos movimentos feministas, que lutaram e lutam até hoje por direitos não só no acesso à universidade, mas também à permanência dessas mesmas mulheres, para que possam se formar e assim seguir sua vida profissional. Obviamente uma contranarrativa quando pensamos no que a intelectual Bell Hooks afirma:

Concentrando-me particularmente em negras que concluíram cursos universitários mas o interromperam no estágio de escrever a tese final descobri que eram as mais enredadas em sentimentos contraditórios sobre o valor acadêmico e/ou trabalho intelectual e que esses sentimentos bloqueavam psicologicamente sua capacidade de concluir essa exigência final (HOOKS, 1995, p. 471).

Tal complexidade em ser mulher negra e os sentimentos que bloqueiam psicologicamente tanto a capacidade de concluir como de disputar lugares de destaque pode ser analisada na experiência do PETHL, pois, as duas tutoras, egressa e ativa, são brancas.

Parafraseando Lugones (2014), a tarefa da feminista decolonial inicia-se resistindo ao seu próprio hábito epistemológico de se apagar e nossa tarefa como pesquisadoras em formação é escutar e dar voz às mulheres. Para ilustrar, Frida Kahlo, tutora, mulher branca, em seus relatos revisitando sua caminhada, cita que,

Namorei, casei e tive uma filha. Neste ínterim, comecei a me perguntar quem cuida de mim. Eu cuido da casa, da família, da filha, do marido, do trabalho e quem cuida de mim. [...]. Diante das inúmeras responsabilidades que havia assumido para me afirmar como mulher, competente, militante, pesquisadora, mãe, entre outros papéis sociais, aprendi na dor a dizer NÃO e me afastei da Ong Elo Feminista, da militância, entre outros espaços que me ocupavam e me afastaram de mim mesma, da minha essência, da minha missão. [...].



Não me sinto menos feminista por não estar mais diretamente ligada aos movimentos. Sinto que era preciso fazer escolhas e assim fiz. A militância é em todo o lugar (FRIDA KAHLO, 2020).

Dar voz a este relato destaca a situação de mulheres brancas que, apesar de muitas acumularem socialmente alguns privilégios em relação a mulher preta e ao próprio contexto histórico da escravidão, estas também são aprisionadas pelas imposições machistas do patriarcado, perpetuando o controle e manutenção de diversas formas de opressão sobre o corpo feminino de modo geral.

Se para as mulheres brancas o caminho da escolarização foi árduo, lento e gradual, para as mulheres negras o hiato ainda permanece até os dias de hoje como desafio a ser revertido.

As mulheres negras (com exceção das alforriadas) eram escravas e, portanto, não gozavam dos direitos de cidadania. E as demais, mesmo gozando de liberdade e de direitos abstratos, viviam em isolamento relativo e eram cidadãs de segunda classe, pois não podiam votar e tinham severas restrições quanto ao acesso à escola e ao trabalho extradoméstico (BELTRÃO; ALVES, 2009, p. 132).

A obrigatoriedade do ensino básico de 4 a 17 anos de idade (EC n.º 57/2009), os programas de inclusão social, as ações afirmativas, entre outros, modificaram a partir dos anos 2000 o cenário do acesso de pretos e pardos ao ensino superior. Para Artes e Ricoldi (2015, p. 861), apesar deste indicador “[...] ter triplicado entre 1995 e 2006, em 2006, na faixa de idade entre os 18 e os 24 anos, estes ainda representavam apenas 6% dos jovens que frequentavam o ensino superior”.

O ingresso e permanência no ensino superior modifica a vida das mulheres e o protagonismo destas na luta por nossos direitos. Para a bolsista Hipácia, bolsista branca, em seu relato autobiográfico:

Ir para a universidade em si foi uma conquista. No primeiro semestre mesmo com as dificuldades de me locomover até a cidade onde estudava, pois eu tinha que voltar todos os dias. Não poderia solteira ir morar sozinha. Foi a primeira vez que me impus e decidi (sim, eu já era maior de idade, mas ainda me sentia na obrigação de pedir permissão para tomar minhas decisões) mas tomei. Dentro da universidade pude

encontrar outras mulheres que passavam por processos parecidos e nos apoiamos, encontrei também aquelas que já estavam bem à frente, mas foi no PET que eu pude encontrar a maior motivação para acreditar que as mulheres juntas são uma força motriz (HIPÁCIA, 2020).

Para a bolsista Ana, mulher negra são-tomense, em seu relato autobiográfico,

O pensamento feminista concreto e com significado chegou a me encontrar em meados dos anos de 2015, quando comecei a cursar Bacharelado em Humanidades. A princípio o primeiro pensamento foi o do movimento feminista negro. O que é bastante curioso, pois se afirma que o movimento feminista surge na Europa na década de 70, onde as mulheres brancas se organizavam, no contexto da revolução industrial. Mas a Unilab, ela é particular em seu currículo, por isso acontece a inversão. Eu fiz a disciplina Feminismo Contra Hegemônico, com a profa. Marina Melo, onde consegui absorver questões relacionadas à submissão da mulher, que foram capazes de solucionar acontecimentos pessoais com relação aos meus relacionamentos abusivos e a necessidade de autoafirmação, pois se autoafirmar é um ato POLÍTICO (ANA, 2020).

A mulher africana, bolsista Ana (2020) também reconhece que, “o PETHL tem sido um espaço de poder para muitas mulheres africanas que passaram e que ainda vão passar por ele. Tem nos ajudado a apropriar de um espaço importante dentro da universidade”. Ela afirma que o PET é um espaço “onde a gente se reconhece e afirma nossas potencialidades”. Isto é, se existem complexidades para uma mulher branca, imaginemos uma mulher africana, de pele retinta e que vem de um processo sexista e misógino, que ao chegar no Brasil, enfrenta o racismo estrutural e todas as suas nuances. Enquanto programa universitário, o PET tem um papel muito importante na vida das bolsistas/mulheres africanas como um lugar de aprendizado, de possibilidades, ao mesmo tempo em que ainda há muito a se fazer.

Para Paulo Freire (1979), a educação não transforma o mundo, transforma as pessoas que mudam o mundo. Então, a escolarização transforma a vida das pessoas e, conseqüentemente, das mulheres. No Brasil, a educação escolar é um direito social, portanto, direito de todos e dever do Estado e da família, sendo a oferta e permanência obrigatória de 4 a 17 anos, ou seja, a educação básica. Dentre os princípios que orientam



o ensino destaca-se que este será ministrado garantindo a igualdade de condições de acesso, liberdade para aprender, pluralismos de ideias, valorização do profissional do magistério, gestão democrática no ensino público e garantia do padrão de qualidade, a partir da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

Ao mesmo tempo, as pessoas que passam por processos educativos, e em particular pelo sistema escolar, exercem melhor sua cidadania, pois têm melhores condições de realizar e defender os outros direitos humanos (saúde, habitação, meio ambiente, participação política etc.). A educação escolar é base constitutiva na formação das pessoas, assim como na defesa e na promoção de outros direitos. Por isso, também é chamado de *direito de síntese*, porque possibilita e potencializa a garantia de outros direitos, tanto no sentido de exigí-los como no de desfrutá-los – atualmente, uma pessoa que nunca freqüentou a escola tem mais dificuldades em realizar o direito ao trabalho, por exemplo (PIDHDD, 2005, p. 14, grifos nossos).

Garantido o acesso das mulheres na educação básica e superior, o direito de síntese potencializou a demanda de outros direitos como o reconhecimento social, a possibilidade de concorrer e de ser aprovada em processos seletivos, ao nosso corpo, nossa cultura, nossa sexualidade, nosso gênero, dentre outros.

Ao analisar o perfil das bolsistas ativas do Programa, destacamos aspectos referente a nacionalidade, autodeclaração racial, ingresso e saída da universidade. Para as egressas, destacamos as questões relacionadas a pós-graduação e mercado de trabalho.

No que se refere a um panorama geral entre ativas e egressas, observando os gráficos sobre nacionalidade podemos concluir que o maior número de mulheres no PETHL corresponde a nacionalidade brasileira, com um total de 57,1% entre egressas e 66,7% entre bolsistas ativas. Quando analisamos a presença de mulheres africanas, entre as egressas há uma equidade entre as de nacionalidade são-tomense e cabo-verdiana, sendo 14,3%, respectivamente. No que corresponde às bolsistas ativas, há uma maioria de guineenses, com 22,2%. Deste modo, as mulheres africanas, apesar de uma presença expressiva, ainda estão em desvantagem quanto à representatividade dos países africanos dentro do programa, mesmo numa universidade com proposta de integração entre países lusófonos.





No que se refere à autodeclaração, a maior parte das petianas constitui-se de mulheres declaradas negras, tanto entre as egressas, com 55,6%, como entre as ativas, com 71,5%. Este dado demonstra que as mulheres do PETHL têm um forte senso de autorreconhecimento racial, que coaduna com um dos princípios destacados nas diretrizes da Unilab (BRASIL, 2010, p. 26-27), a citar:

3º. Reconhecimento e respeito à diversidade étnico-racial, religiosa, cultural, de gênero etc. Gerada em um contexto de cooperação Sul-Sul e, portanto, como instrumento de superação de desigualdades, de resgate de aprendizagens decorrentes do passado colonial e de construção de um futuro autônomo [...].

Na análise cruzada entre gênero e raça dos bolsistas do programa, verificamos que o programa é majoritariamente negro, como veremos a seguir no perfil das bolsistas egressas e ativas do programa. E embora estes dados venham reafirmar o verdadeiro propósito da Unilab, que é de constituir uma intelectualidade que seja baseada nos moldes da igualdade e da diversidade, não podemos pressupor que os problemas raciais foram superados, muito pelo contrário. Ainda há muito a se fazer, porém, as conquistas não podem ser ignoradas. Isso demonstra que a Unilab tem conseguido, entre as bolsistas do PETHL, cumprir com um de seus princípios fundamentais, tendo o seu oposto no perfil de tutoras, brancas.

Quando se trata da área de formação temos um número igual de egressas dos cursos de Letras-Língua Portuguesa e Humanidades, já entre as bolsistas ativas essa realidade se modifica um pouco: o número de mulheres no PETHL é liderado pelas alunas do curso de Letras-Língua Portuguesa. É importante pontuar a singularidade do curso de Humanidades, pois este é composto de duas etapas, sendo a primeira o Bacharelado em Humanidades (03 anos) e a segunda etapa uma terminalidade. Neste último, o discente pode escolher entre as licenciaturas de Pedagogia, Sociologia ou História ou o Bacharelado em Antropologia, com duração de três anos. Tendo em vista esse contexto, ao analisarmos os dados das petianas das Humanidades, podemos destacar que as terminalidades presentes no PETHL são Pedagogia, História e Sociologia, sendo Pedagogia o curso com maior porcentagem (22,2%). Vemos ainda que não há nenhuma petiana e petiano da terminalidade de Antropologia.





A formação das *mulheres do PETHL* foi e é na área das licenciaturas. É possível que esta seja uma influência direta das atividades de ensino e extensão do PETHL, pois através dos projetos de monitoria e extensão, que acontecem sistematicamente nas escolas e na Unilab, podem despertar nas bolsistas, ainda no primeiro ciclo (Bacharelado em Humanidades), o interesse de cursar licenciatura na terminalidade, como cita Joana D'Arc em seu relato:

Enquanto petiana eu participei de vários projetos de extensão em escolas, com jovens de ensino médio, como foi o caso do PET Visita Escolas, e nesse projeto eu pude vivenciar a experiência de educadora/oficineira com o mesmo público que eu trabalho atualmente” (JOANA D'ARC, 2020).

Paralelo à formação para a docência, o PETHL tem se constituído como sendo um espaço também de reconhecimento das habilidades e um lugar de crescimento e formação que dialoga com os próprios objetivos do programa. Ao mesmo tempo, também há a questão histórica das mulheres atuarem na área da educação, que é entendida como a complementação do lar.

No tocante à continuidade aos seus estudos, 71,5% das egressas ingressaram na pós-graduação, seja na *Lato Sensu* ou na *Stricto Sensu*. Há 14,3% de egressas que estão cursando Especialização, 33,3% cursando Mestrado e 14,3% cursando Doutorado. Ao analisar esses números, podemos dizer que a maioria das bolsistas do PETHL tem forte tendência a ingressar na pós-graduação.

Ao serem questionadas sobre o papel do PETHL na continuidade dos seus estudos, a resposta das egressas foi unânime em afirmar que o programa teve uma contribuição significativa, o que podemos constatar nos trechos a seguir:

Sendo uma petiana pude focar mais na pesquisa e o PETHL foi um excelente guia para o meu mestrado. Foi no PETHL que confirmei o meu desejo de fazer o mestrado na área que escolhi (MAE JEMISON, 2020).

O PET foi um dos projetos que me incentivou a mergulhar no universo da pesquisa, isso por meios das atividades que desenvolvíamos enquanto PETianos (ELLEN JOHNSON, 2020).



Percebemos também que a presença da tutora incentiva as produções coletivas e individuais, bem como o ambiente que despertou o protagonismo feminino estabelecido no grupo. A fala da petiana egressa Joana D’Arc (2020), que está cursando especialização, ratifica a influência direta ou indireta do PETHL no estímulo para a continuidade nos estudos: “Apesar de não estar ainda no mestrado, eu não abandonei essa possibilidade, pois sei que tenho preparo para isso, porque o PET me proporcionou e é algo que penso para um futuro próximo, com certeza”.

Estar na universidade não é condição *sine qua non* de dar continuidade na vida acadêmica, de tornar-se pesquisadora, professora ou outro equivalente. Infelizmente, a imposição de padrões transversaliza a condição feminina em outros setores que as mulheres vieram a ocupar. Não há nada nem ninguém que nos defina, nós temos sempre escolhas e somos livres para tecê-las e mudar. Para ilustrar, Glória Maria (2020), bolsista branca, em seu relato autobiográfico cita.

[...] eu vi que eu só queria me realizar como mulher independente, no trabalho, na carreira, na vida... Quando eu percebi que eu não preciso ter esse sonho de casar e ter filhos, para ser feliz um dia, que eu não preciso gerar uma vida para deixar um legado. Eu sempre sonhei em adotar e nunca pensei em gerar. Hoje eu entendo que eu posso mudar de ideia, que eu sou livre para isso. Foi exatamente aí que percebi que eu me tornara feminista.

Ao mesmo tempo, importa destacar que, por exemplo, a gravidez precoce em adolescentes ou não planejada, intervém na escolarização das mulheres mães e pode incidir em “frustrações” de expectativas impostas pelo sistema e, talvez, alimentadas por nós, de dar continuidade em estudos na pós-graduação. Reafirmamos que ninguém nem nada nos define, nos limita. Nós, mulheres autoras e sujeitos desta pesquisa, também reconhecemos como Adichie (2015, p. 50) que “[...] feminista é o homem ou a mulher que diz: ‘Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar’”. Reconhecer-se feminista transcende uma série de experiências singulares que, na maioria das vezes, foi e é silenciada.

Conforme pesquisa, 57,1% das egressas estão no *mercado de trabalho*. Comparando o número de petianas que estão presentes no mercado de trabalho com o quantitativo que está na pós-

graduação, pode-se afirmar que 28,57% ocupam a pós-graduação e o mercado de trabalho concomitantemente. Isso demonstra que as petianas que passaram pelo programa conseguiram ao longo de sua formação acadêmica desenvolver múltiplas capacidades no âmbito da tríade ensino-pesquisa-extensão, que contribuem com a atuação profissional.

Ao serem indagadas sobre *“De que modo sua experiência como petiana contribuiu para a sua atuação profissional?”*, as bolsistas egressas se mostraram positivas quanto à contribuição efetiva do PETHL. Neste sentido, gostaríamos de destacar a fala de Dandara:

Minha atuação como petiana me fez experienciar, em diversas vezes, o chão da sala de aula. Por meio de dois projetos lindos, o PET Visita-Recebe e, posteriormente, o ANU, pude conhecer um pouco mais a realidade do sistema de educação brasileiro, mais especificamente, do Maciço de Baturité. Estar na sala de aula sempre foi o meu sonho profissional, poder lidar com jovens e procurar entendê-los, ensinar e aprender com eles (DANDARA, 2020).

Dialogando com a questão sobre a atividade profissional percebemos que, em certa medida, durante a passagem pelo programa todas as bolsistas tiveram experiências que vão ao encontro com as atividades que realizam hoje. Nívea Sabino traz em seu relato que exerce função como professora de inglês no ensino fundamental e quando petiana ativa no programa, ela participava do projeto de monitoria, sendo responsável por auxiliar os estudantes que cursaram as disciplinas de inglês 1 e 2.

O trabalho em equipe, a prática cotidiana, as vivências de ensino, pesquisa e extensão, a atuação nos projetos e no programa, como cita Curie (2020), “sobretudo, no hábito de organização e sistematicidade das tarefas”.

Para além de contribuir com as futuras decisões de dar continuidade à vida acadêmica, direcionando-as para o mestrado ou doutorado, o PETHL tem nos mostrado uma outra direção, que é a que não queremos seguir, partindo de experiência de atividades e praxis.

O PET me trouxe experiências muito ricas de trabalho em grupo e responsabilidade coletiva, além de que me levou ao ambiente escolar, mostrando-me que eu, realmente, não quero ser professora (ADA LOVELACE, 2020).

Percebe-se a partir do que Ada expressa que o programa é muito importante para a escolha profissional, a partir das experiências que vão sendo vivenciadas no cotidiano e nas ações. O desenvolvimento das questões técnicas, as regras e os padrões acadêmicos que atravessam a formação também são apropriados e não necessariamente influenciam ao ponto de tirar a autonomia das bolsistas sobre a continuidade da vida acadêmica após a graduação.

O estudo em tela confirma que a criação do PETHL, em 2013, foi uma inovação na Unilab e, diante dos desafios de consolidação numa jovem universidade, há que se destacar o pioneirismo do primeiro e único Programa PET nesta instituição, bem como a atuação das mulheres do programa na formação acadêmica e a contribuição deste na formação humana, crítica e antirracista. Entre os desafios e conquistas coletivas e individuais destacamos também que para a consolidação do programa foi necessário dedicação, perseverança e foco. A tutora Simone de Beauvoir (2020) reconhece que

Minha maior contribuição concerne à escrita do projeto gerador do PETHL e à consolidação - foram várias as lutas: na implementação o MEC não conseguia cadastrar o grupo, até que descobrimos que o CNPJ da Unilab não estava corretamente registrado no MEC, a organização de um CLAA, espaço físico adequado, equipamentos - computadores, mesas, armários, criação e execução de projetos.

A importância do programa se confirma para além do campo acadêmico e profissional. A seguir, revisitamos as categorias centrais de análise que subsidiaram a pesquisa e trazemos dados qualitativos das bolsistas e tutoras para a discussão em tela.

Pensamento decolonial, feminismo negro e protagonismo feminino

Ao conquistar o direito à educação universitária e ao status de bolsistas, estando inseridas no contexto da Unilab, outros desafios transcendem como pauta no programa e na formação como o protagonismo feminino, o pensamento decolonial e o feminismo negro para aprofundamento desta questão de pesquisa.

O pensamento decolonial ou contracolonial é um ponto-chave no resgate das memórias reais a respeito do continente africano,



da dinâmica sul-sul e da pluralidade cultural e socioeconômica. Através desse pensamento contra-hegemônico se estabelecem mecanismos de oposição às ideias dominantes, que têm se renovado com o passar dos anos, como a própria história “oficial” nos mostrou diversas vezes ao propor revoluções burguesas e brancas, que em praticamente nada incomodaram as estruturas de poder, reavivadas pelo neocolonialismo e pelo *enraizamento sistêmico na colonialidade do poder*.

Mignolo (2017, p. 2) afirma que a “[...] colonialidade nomeia a lógica subjacente da fundação e do desdobramento da civilização ocidental desde o Renascimento até hoje, da qual colonialismos históricos têm sido uma dimensão constituinte, embora minimizada”.

No âmbito conceitual, há divergências teóricas e políticas em torno dos termos e acepções, cito, decolonial e descolonial. A primeira busca a compreensão do mundo através de suas interioridades, de seu espaço geográfico e quer superar a modernidade europeia, ao mesmo tempo em que denuncia sua colonialidade. Para o pensamento descolonial não há qualquer epistemologia que possa reclamar o monopólio sobre o pensamento crítico no planeta, no entanto, ao buscar a libertação e emancipação cai-se nas teias da modernidade europeia (MIGNOLO, 2008), fazendo parte também do conjunto da colonialidade.

Na estrutura colonial, a sociedade patriarcal se retroalimenta e a ruptura com tais paradigmas, muitas vezes, é pautada em novos paradigmas e visões estereotipadas. A autoafirmação das mulheres, a elevação do nível de escolaridade e formação, bem como ocupação no mercado de trabalho tem transformado a zona de conforto em uma zona turbulenta, partindo da tensão das mulheres direcionada a toda essa estrutura social que naturaliza a hierarquia de gênero e determina um estereótipo.

A luta das mulheres questiona a manutenção das formas de opressão e se coloca contra o sistema que exerce o controle sobre os corpos femininos em sua pluralidade e de como as estruturas sociais garantem que essa opressão seja modificada e adaptada, ao invés de extinta.

O reconhecimento do “eu” feminista percorre as relações cotidianas que atravessam as diversas formas de opressão contra





a mulher. Segundo Daves (2017), a primeira onda de organização e luta pelos direitos das mulheres surge em torno de 1840 na interferência com o ano de 1850, no auge da Revolução Industrial, envolvendo várias contradições, pois elegeram a mulher enquanto sujeitos reivindicadores, porém, apenas mulheres brancas estavam reivindicando o seu direito ao voto.

O que a autora coloca é uma negação por parte das mulheres brancas em reconhecer a falta de inclusão das mulheres negras, que naquele período se desconsideravam enquanto sujeitos. Desse modo, enquanto as mulheres brancas reivindicavam os direitos jurídicos, as mulheres negras de todo o mundo estavam lutando por sobrevivência e humanização.

O feminismo nos leva à luta por direitos de todas, todes e todos. *Todas* porque quem leva essa luta adiante são as mulheres, *Todes* porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como homens e mulheres e abriu espaços para outras expressões de gênero e de sexualidade. *Todos* porque luta por uma ideia de humanização, que não é um humanismo pois o humanismo também pode ser um operador ideológico (TIBURI, 2018, p. 11).

Desse modo, o feminismo não dá conta apenas da luta sobre os papéis de gênero construídos socialmente. Como afirma Daves, o movimento e a organização das mulheres mexe com todas as estruturas da sociedade. Negar o fortalecimento e a existência de um movimento que garante na prática a construção de uma sociedade mais igualitária em sua generalidade é negar a existência de que vivemos em uma sociedade.

O exercício da cidadania e a exigibilidade de direitos confronta a crise democrática, de representatividade e das relações de gênero em curso no Brasil. Neste cenário, cidadania e protagonismo são conceitos em disputa por diferentes referenciais políticos e ideológicos na complexa teia dos direitos sociais, multiculturais, de gênero etc.

Para compreendermos o que é protagonismo feminino revisitamos o significado literal. Este “deriva do grego onde ‘protos’ significa principal ou primeiro e ‘agonistes’ significa lutador ou competidor. [...] muito usado no teatro, no cinema, na novela etc. para se referir ao personagem principal [...]” (PROTAGONISMO, 2011-2022). O protagonista é “no antigo teatro





grego, o principal ator de uma peça” (PROTAGONISTA, 2020). O principal personagem de um filme, de uma obra literária etc., em torno do qual a ação se desenrola, ou seja, de destaque em um acontecimento. Em outras palavras, a protagonista é aquela ou aquele que está à frente, que exerce participação ativa e importante em determinada situação.

A primeira vez que o termo protagonismo foi utilizado para demonstrar a atuação expressiva de um determinado grupo de pessoas em uma causa e/ou movimento social foi referente ao protagonismo juvenil, utilizado pelo pedagogo mineiro Antônio Carlos Gomes da Costa (2000), em sua obra *Protagonismo Juvenil – adolescência, educação e participação democrática*. O autor define esta expressão como o *envolvimento* do jovem estudante, de forma individual ou coletiva, em atividades que vão além do seu universo pessoal e familiar, *gerando efeitos na vida em sociedade*.

Nesta perspectiva, a partir do questionário supracitado com mulheres, tutoras, bolsistas e egressas do programa, analisamos duas situações, são elas: a presença das mulheres no Programa PETHL e a participação feminina no Programa.

Situação 1: Presença das mulheres no Programa PETHL

Após análise do perfil das bolsistas, indagamos como se dá o entendimento sobre a presença feminina e contribuições. *Estamos todos os dias trabalhando para o bom funcionamento e cumprimento das atividades, essa não é uma contribuição grandiosa? Como fazer as coisas acontecerem na prática? Como sair das nossas zonas de conforto? É preciso se doar para ser reconhecida como protagonista por si e pelo(a) outro(a)?*

As falas das bolsistas são representativas para compreendermos a percepção que as mulheres constroem de si e do universo feminino. A bolsista Ana (2020) afirma que:

Acredito que a presença das mulheres no programa é uma mudança radical na quebra de padrões socialmente impostos, que inviabiliza a presença e a permanência das mulheres. O nosso corpo educa, nossa cor também e essa contribuição não pode ser ignorada. [...]. Acredito que assim como as outras PETianas pretas, nossa maior contribuição seria levar à consciência de que mulheres pretas africanas também são competentes. Tenho um carinho muito especial pelo projeto África





na Unilab - ANU, talvez por me reconhecer nele e ver que ainda há muito que se fazer com relação às demandas relacionadas ao racismo no Brasil. Sou muito grata por fazer parte da coordenação do projeto e estar contribuindo com as nossas narrativas.

De fato, o cenário da Unilab é singular diante da realidade da integração com o Palop. Ao mesmo tempo, a autocobrança e o sentimento de que sempre é possível e necessário fazer mais estava expresso na fala das bolsistas. Para ilustrar, a bolsista Sojourner Truth (2020) afirma: “Sinto que até agora *não me doe* inteiramente. Fazer parte, contribuir na pesquisa, tarefas e deveres necessários do programa, até agora, não me fizeram sentir como uma boa contribuinte, talvez seja por fazer pouco tempo que entrei no programa” (grifo nosso).

É fundamental, então, refletir sobre o que é essa contribuição, pois, essa forma de pensar pressupõe uma perspectiva imagética/tradicional de pensar nossos papéis em qualquer grupo. Durante séculos, afirma-se um discurso de que os trabalhos desenvolvidos por mulheres são inválidos. Infelizmente as mulheres têm acreditado nesse não lugar, e entre eles está a construção e a participação das mulheres na ciência. Acreditamos que entender as limitações impostas em meio a esse conteúdo histórico de negação é o primeiro passo para a queda do patriarcado.

Ainda na linha de percepções sobre alguns conceitos presentes no formulário, destacamos o protagonismo feminino. De 09 bolsistas, 04 não se consideram protagonistas dentro do PETHL. Esta percepção de que não somos protagonistas pode estar também relacionado às causas e efeito do sistema patriarcal, no qual o machismo opera de tal forma que nos faz acreditar que não somos capazes. Nossas produções coletivas não são uma forma de protagonismo? Nossa dedicação em cumprir as atividades? Nossas falas nas reuniões?

É preciso pensar o protagonismo fora dessa bolha homogênea, em que existe um perfil para quem protagoniza. Temos que considerar que somos vozes potentes dentro do que é possível, dentro das nossas trajetórias e que possamos nos projetar cada vez mais.

De modo geral, podemos perceber que o protagonismo citado por algumas dessas mulheres se relaciona com a prática, atividades, eventos e realizações. Também a ideia de protagonismo está atrelada à ideia de ser referência, de inspirar



outras mulheres, como afirma a bolsista Malala Yousafzai (2020): “Eu me reconheço protagonista dentro do PETHL, porque quero ajudar as meninas como eu a descobrirem que são importantes e as suas contribuições para sociedade são valiosas”. O conceito protagonismo pode ganhar várias vertentes mediante a vivência particular de cada mulher.

Percebemos também que as nossas trajetórias fora do PETHL também têm nos inspirado a construir nosso próprio caminho enquanto grupo, inclusive realizar esta pesquisa e escrever este artigo é um ato de resistência. É importante que outras mulheres continuem nos inspirando, nos compreendendo sobretudo. É importante reconhecer em nós mesmos a inspiração, a vontade de ser, o autoreconhecimento e a possibilidade de transcender a si a cada dia.

Situação 2: A participação feminina no Programa

Ao refletir acerca da participação feminina no programa indagamos: *você concorda com a seguinte afirmativa: as mulheres tendem a ser mais participativas, pois encontram melhores soluções dentro de equipes de trabalho?*

Maria Quitéria de Jesus (2020) aponta que sim, as mulheres são mais participativas. A bolsista Marie Curie (2020) relaciona esta construção histórica com a sobrecarga de trabalho e conclui citando que nós, mulheres, “aprendemos” a ser boas gestoras, porque nos treinam para fazer várias coisas ao mesmo tempo.

De acordo com o formulário, grande parte das respostas aponta a carga mental de um modo que não é problematizado, pois foi exatamente o que nos ensinaram a reproduzir. Não concordamos com teorias que justifiquem tal participação como a formação cerebral, pois estas construções são sociais, e esta sociedade se perpetua educando mulheres para alcançarem maior êxito na execução de várias atividades simultâneas.

A participação também não se justifica por si só, ela é qualificada na intenção que submerge a ação, a interação e, conseqüentemente, os resultados. A bolsista Malala Yousafzai (2020) se reconhece como protagonista e atua numa perspectiva de que outras mulheres possam se empoderar, reconhecerem que elas merecem estar, se expressar e, portanto, participar. Em suas palavras, cita: “Eu quero lutar em busca de uma voz para as



mulheres que não têm voz, ou seja, são silenciadas por pessoas que acham que elas não são capazes. E também pretendo ajudar as minhas irmãs a aprenderem a ser personagens principais das suas próprias vidas e histórias”.

A participação numa perspectiva de autotransformação e transformação social muda a vida das mulheres e, conseqüentemente, estas sintetizam o protagonismo feminino. Deste modo, conceituamos protagonismo feminino como toda participação ativa realizada por mulheres nas mais diversas áreas da vida social. Ações onde a mulher e/ou as mulheres são a figura central e com atuação de destaque.

Considerações finais

Esta pesquisa tanto atende a um dos objetivos do PETHL na consecução de pesquisas científicas, quanto na formação de jovens pesquisadoras. É certo que este estudo não apresenta soluções imediatas, entretanto, tratar deste tema é extremamente relevante para o programa em si, para os programas de forma geral, para a universidade, para o contexto brasileiro e africano e para o entorno, bem como aqueles que darão continuidade, como bolsistas que virão a ser (BRANDÃO, 2013).

O nosso caminho como mulheres na conquista e garantia de direitos é longo e tortuoso, repleto de conquistas e perdas. Mesmo diante de séculos de desigualdades de gênero, no final do século XX as mulheres tornaram-se grandes destaques na sociedade e na educação. Para Beltrão e Alves (2009, p. 125) “o hiato de gênero (*gender gap*) na educação ocorre quando existem diferenças sistemáticas nos níveis de escolaridade entre homens e mulheres. É uma medida útil para evidenciar as desigualdades no acesso à escola entre os sexos”.

Após muita luta, as mulheres conquistaram o direito à escolarização e, neste, o direito de disputar bolsas de pesquisa, ensino e extensão, como nós conquistamos esse lugar no PETHL. Ao relembrar as vivências, os desafios e nosso crescimento enquanto mulheres e acadêmicas, surgiam em nós sentimentos distintos: alegria, melancolia, saudade, gratidão, sofrimento e tristezas também.

De bolsistas tornamo-nos pesquisadoras, cumprimos com excelência mais uma dimensão do Programa PET. Nós nos





reconhecemos como uma diversidade de mulheres, que para além de afirmar a diversidade racial, contesta e radicaliza um lugar no mundo onde possamos ser respeitadas e ouvidas. Acreditamos que essa forma de pensar só é possível quando entendemos as relações de poder que têm nos mantido reféns das normas sociais construídas historicamente.

Entendemos também que a dimensão cultural que o PETHL ganha, por pertencer a uma universidade internacional e lusófona, demarca as diversidades de territorialidades presentes no programa e como esse fato tem feito total diferença no aprendizado que expande nossos horizontes, na perspectiva de construir um mundo cada vez menos desigual e mais justo para nós mulheres. A pauta do diálogo sul-sul, como também do decolonialismo, amplia e ressignifica nossos horizontes.

Reconhecer o protagonismo feminino na colega e reconhecer a si como protagonista, muitas vezes requer um tempo diferenciado. Na educação escolar e familiar crescemos olhando a outra e não a si mesmo. Ao percebermos a atuação das bolsistas no programa e nas ações é notório a presença, iniciativa e participação ativa das mulheres.

Ao mesmo tempo, não podemos negar a influência, pressão e frustração que é gerada sobre as outras bolsistas quando uma de nós ingressa na pós-graduação, é um movimento de levante, de incentivo, principalmente, quando estas são atravessadas pelas mesmas interseccionalidades. Como citamos acima, há também uma pressão social de que o(a) bolsista do PET tem que seguir na pós-graduação e, quando não segue, gera frustração e cobrança, de si mesma, dos(as) bolsistas e tutores.

As reivindicações dos movimentos das mulheres e a busca pelos direitos devem ser vistos e entendidos dentro das suas verdadeiras complexidades, quem romantiza e faz parecer tudo simplista é o opressor, para assim, continuar com o domínio dos nossos corpos. O mesmo vale para aqueles que enxergam de forma imagética as habilidades na mulher, de maneira naturalizada, nada mais é que uma artimanha do patriarcado que diz: mulheres são mais tolerantes, são mais educadas, são cuidadoras e no entanto, conseguem manter as coisas em ordem.

Este pensamento é errôneo, tendo como exemplo o PETHL, as mulheres tendem a ser mais ativas, por duas questões: as



mulheres são a maioria e as mulheres viveram um processo histórico desigual que de algum modo nos instiga a garantir e fazer com que o PETHL seja um lugar seguro para nós, onde possamos tomar decisões, debater e nos impor, é um espaço de consciência, que nós bolsistas entendemos como um potencial para a mudança no curso da história das nossas vidas e das vidas de outras mulheres.

A falta de oportunidade para as mulheres é um problema para o nosso movimento, quando não conseguimos ser ouvidas e se não temos oportunidade para acessar algum espaço, então cabe a nós construir nossas redes, onde escutamos umas às outras, dando oportunidade para que vozes ecoem.

Ao buscar compreender como a experiência de petiana foi importante também para uma formação subjetiva, pessoal e humana dessas mulheres e até que medida ela contribui para o seu protagonismo feminino, percebemos que, para além das superações pessoais, elas ainda ressaltam a satisfação em encontrar um ambiente onde puderam crescer enquanto mulheres e profissionais. Nesse quesito Joana D'Arc relata:

Foi lá, com minhas colegas, que eu aprendi as noções de feminismo, sonoridade e igualdade de gênero. Foi nesse grupo que eu percebi pela primeira vez na universidade, homens que paravam realmente para escutar as mulheres e respeitá-las. [...] *Nunca vi comportamento igual em nenhum outro espaço*. Esses aprendizados são os mais fortes na minha vida, inclusive porque hoje trabalho com essa temática com as(os) adolescentes na ONG e minhas maiores referências são minhas colegas petianas (JOANA D'ARC., 2020, grifo nosso).

Ser mulher é ser naturalmente desafiada na sociedade, no universo acadêmico isso se acentua por estarmos constantemente sendo testadas, provando nosso potencial e enfrentando as diversas situações de sexismo, nesse sentido também destacamos que nesse contexto o PETHL tem se mostrado como um lugar seguro para suas bolsistas, um lugar onde podemos e temos oportunidade de ser e criar, de nos reinventar, nos ressignificar, de romper paradigmas, de sermos nosso próprio lar e, talvez, por esse motivo essa pesquisa ganhe um sentido a mais para nós pesquisadoras.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução: Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ARTES, Amélia; RICOLDI, Arlane Martinez. Acesso de Negros no ensino superior: o que mudou entre 2000 e 2010. *Cadernos de Pesquisa*, v. 45 n. 158, p. 858-881, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v45n158/1980-5314-cp-45-158-00858.pdf> Acesso em: 13 out. 2020.
- BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.
- BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Presidência da República, 1996.
- BRASIL. *Manual de Orientações Básicas PET*. [S.l.]: Ministério da Educação, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PETmanual.pdf> Acesso em: 10. out. 2021.
- BRASIL. *Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005*. Institui o Programa de Educação Tutorial – PET, altera a Lei nº 5.537, de 21 de novembro de 1968. Brasília: Presidência da República, 2005.
- BRASIL. *Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010*. Criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2010.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- DAVES, Angela. *Mulher, Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo, 2017
- FRANCISCO, EL HOMBRE. Triste, Louca ou Má (OFICIAL). *YouTube*, 5 out. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>. Acesso em: 25 out. 2022.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 454-478, 1995.
- LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos*

Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 22, set./dez. 2014.

MARTIN, Maria da Graça Moraes Braga. *O programa de educação tutorial-PET: formação ampla na graduação*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2005.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. *Pesquisa educacional: o prazer de conhecer*. 2. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, Dossiê: literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. Tradução: Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 9, 2017.

PIDHDD. *Educação também é direito humano*. In: GRACIANO, Mariângela (org.). São Paulo: Ação Educativa, Plataforma Interamericana de Direitos Humanos, Democracia e Desenvolvimento – PIDHDD, 2005.

PROTAGONISMO. In: SIGNIFICADOS. 2011-2022. Disponível em: <https://www.significados.com.br/protagonismo/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20protagonismo%3A&text=Deriva%20do%20grego%20protagonistes%2C%20onde,ao%20personagem%20principal%20da%20encena%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 10 out. 2021.

PROTAGONISTA. In: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/protagonista/>. Acesso: 24 jul. 2020.

TIBURI, Marcia. *Feminismos em comum: Para Todas, Todes e Todos*. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

UNILAB. *Legislação e Documento*. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. 2020. Disponível em: <https://UNILAB.edu.br/legislacao-e-documentos/> Acesso: 10 jan. 2021.

UNILAB/PETHL. *Programa de Educação Tutorial de Humanidades e Letras da UNILAB*. Página inicial. 2022. Disponível em: <https://pethl.UNILAB.edu.br/#menu>. Acesso em: 15 fev. 2022.



Este número da Revista Praia Vermelha foi diagramado em janeiro de 2024 pelo Setor de Publicações e Coleta de Dados da Escola de Serviço Social da UFRJ, para difusão online via Portal de Revistas da UFRJ. Foi utilizada a fonte Montserrat (Medium 13/17,6pt) em página de 1366x768pt (1:1,77).